

“AS MOÇAS DA MODA”: LITERATURA E EDUCAÇÃO FEMININA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Melissa Mendes Serrão Caputo

UniSantos

4. Gênero e etnia na história da educação brasileira

INTRODUÇÃO

As questões de gênero, a história cultural e da educação vêm consolidando como temas a educação feminina e a produção literária das “mulheres letradas” no Brasil, desde meados do século XVIII. Dentro deste contexto, o presente trabalho visa ao levantamento de uma história de pioneirismo, tanto na educação quanto na literatura, através das obras publicadas por Eunice Peregrina de Caldas, no início do séc. XX.

Assim sendo, destaquei uma peça teatral intitulada “As moças da moda”, por conter algumas premissas comuns entre o pensamento da autora e a ideologia educacional vigente naquele período.

O desenvolvimento do trabalho está dividido em três partes. Na primeira delas é explicitado o pensamento da elite intelectual do país dirigido à educação. No segundo momento, apresento sucintamente a vida e as obras mais significativas de Eunice Caldas. E, na última parte, introduzo o enredo da peça teatral e analiso as premissas consoantes à ideologia da época, destacando elementos do discurso da autora.

I. Os ideais de educação na Primeira República

O período de transição do Império para a República foi marcado por uma efervescência intelectual e ideológica que esboçou certo “entusiasmo pela educação” (Cf. NAGLE, 1985). O fim da escravidão e a possibilidade de construção de um novo país animaram as elites intelectuais que discutiam idéias sobre federalismo, democracia e educação para todos.

A pedagogia legada pelo Império era de tradição jesuítica e humanista, baseada num currículo literário e retórico, que privilegiava o estudo dos clássicos da Filosofia e da Literatura, em detrimento das ciências. A penetração do positivismo no Brasil no final do séc. XIX pregava a “liberdade de ensino e a liberdade profissional”, ao mesmo tempo em que criava um caráter científico ao currículo escolar (Cf. TAMBARA, 2005).

As idéias pedagógicas (Herbart, Pestalozzi) que influenciaram as reformas educacionais deste início de século pretendiam a construção de uma nação moderna e ser moderno no Brasil significava ser liberal, ou seja, acreditar na educação como fator decisivo na resolução dos problemas sociais (principalmente do analfabetismo). A educação seria responsável pela regeneração do homem – caráter civilizatório – transformando o súdito em cidadão, com a finalidade de sustentar os pilares da República e formar a classe dirigente do país. Para tanto, tornou-se necessário laicizar a educação e incluir disciplinas de caráter científico, moral e cívico no novo projeto de ensino – conscientizar o cidadão do seu papel na construção de uma nação moderna.

Ao assumir a responsabilidade do projeto educacional do país, o Estado republicano teve como meta popularizar o ensino, formando bons professores e criando os grupos escolares, baseados nas escolas graduadas. Entre outros benefícios, isso contribuiu para que um maior número de mulheres ingressasse na escola e exercesse uma profissão “aceitável” na sociedade – a de professora. Além disso, a mulher educada teria plenas condições de bem administrar o lar e melhor educar seus filhos. A preocupação com as questões de saúde e higiene (Cf. STEPHANOU, 2005.) também prevaleceu, acompanhando o projeto dos médicos e engenheiros sanitaristas de sanar as cidades das epidemias no início do século XX.

Por outro lado, o que ocorreu no Brasil até 1920 no campo educacional foi apenas uma “preparação de terreno” (Cf. NAGLE, 1976). Na verdade, houve ampla disseminação do ideário escolanovista através da literatura pedagógica, porém, pouco reflexo na prática das instituições escolares, já que essa nova ideologia parecia servir apenas à elite intelectual e urbana.

II. Eunice Caldas e o seu tempo

No cerne dessa efervescência educacional da Primeira República viveu Eunice Peregrina de Caldas, mulher de ideais apaixonada pela possibilidade de ensinar e distribuir saber aos menos favorecidos.

Nascida em Caldas, Minas Gerais, a 15 de novembro de 1879, era irmã do médico e sanitarista Vital Brazil Mineiro da Campanha e de Oscar Americano de Caldas. A família de Eunice chegou a São Paulo por volta de 1880, expulsa da cidade de Guaxupé, MG, por motivos religiosos. Permaneceu na capital paulista por sete anos, no bairro do Butantã,

mudando-se, após esse período, para o Rio de Janeiro, onde Eunice iniciou seus estudos fundamentais num colégio particular em São Domingos, passando depois para a turma noturna do Liceu de Artes e Ofícios, onde seus irmãos Vital Brazil e Iracema Ema lecionavam e seu pai era vigia.

Estudante brilhante que era, formou-se pela Escola Normal da Capital “Caetano de Campos” – centro de excelência para formação de professores no Brasil (Cf. SOUZA, 1998.) – assumindo em 1900 o cargo de diretora do primeiro grupo escolar estabelecido em Santos, “Dr. Cesário Bastos”. Dois anos mais tarde, encarregou-se de fundar na cidade a sucursal santista da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva¹ – criada em São Paulo pela educadora Anália Franco Bastos – para formar professoras no Liceu Feminino Santista e educar crianças nas Escolas Maternais.

A história de Eunice, falecida em 31 de julho de 1967, encerra muitas lacunas que estão sendo investigadas.

Sempre a favor dos direitos da mulher à cultura e ao trabalho, Eunice foi organizadora de uma associação intitulada “O Espírito Feminino”, assim descrita na abertura de uma de suas peças teatrais “As moças da moda” (1915), como “associação que tem por fim congregar todas aquelas que se interessam pelo problema social – a educação feminina e os direitos da mulher na sociedade”. Tais iniciativas eram práticas comuns neste período, como a Legião das Mulheres, da qual participava a escritora Júlia Lopes de Almeida (Cf. ELEUTÉRIO, 2005).

Sua produção literária tinha o intuito primordial de educar, além do ideal de transformar mentalidades através das letras. Em primeira instância, suas publicações iniciaram-se em 1907 e abrangeram um período de 19 anos, sendo 14 obras editadas e seis inéditas. Dentre os livros publicados podemos destacar sua preocupação com a educação no lar nestas linhas de abertura da trilogia que compreende os títulos “Scenas domesticas” (1907), “Instituto Maria Braz” (1912) e “Inezilha Braz” (1914): [...] Limito-me apenas, a auxiliar as mães de família, com a minha observação de alguns annos, com a minha pequena pratica profissional e com a leitura assidua de autores abalisados na matéria [...].

¹ Há um estudo sobre essa instituição realizado pela Dr^a. Maria Aparecida Franco Pereira já divulgado em congressos e publicado nos Cadernos do Liceu Santista. Neste IV Congresso Brasileiro de História da Educação haverá apresentação da autora sobre esse tema com “A participação da sociedade santista numa experiência de educação feminina (1902-1920)”.

A alma sensível da educadora é retratada nas duas coletâneas poéticas “Paiz fulgurante” (1925) e “Amphitrite” (1924) e, ainda, dedicou-se a escrever livros didáticos, tais como “Brazil” (1926) e “Geografia Infantil” (?).

III. “As moças da moda” e o ideário republicano

Integrando a vasta obra de Eunice está a peça de teatro “As moças da moda”, publicada em 1915 na série Contos Infantis da coleção “Bibliotheca Magnolia”, que é um convite às boas maneiras e aos princípios de educação da República Velha. Haja vista o título, atrativo para as jovens de elite preocupadas em seguir a etiqueta em voga.

O enredo compõe-se das seguintes personagens, que entram em cena nesta ordem: **Rosinha** (jovem que está preparando sua casa para uma visita); o criado de Rosinha; a amiga **visitante**, o **irmão** da amiga; a **pintora** e o **doutor**. O texto, ritmado pela métrica e pelo rigor da rima, está dividido em cinco cenas.

A primeira cena é introdutória, apresenta a personagem principal, **Rosinha**, jovem de elite, como podemos perceber nesta fala (CALDAS, 1915, p. 7):

“[...] Com elegância e com bom gosto,
Sou chic, todos confessam.
Trago tudo bem disposto,
Caprichos não me contestam. [...]”

As três cenas seguintes tratam do encontro das personagens e suas discussões acerca de educação e boas maneiras. Particularmente, a segunda parte é dedicada à tônica da saúde e higiene, amplamente difundida nos currículos escolares como exercícios militares, ginástica e higiene pessoal (Cf. SOUZA, 1998.). A higiene do “bom tom” (CALDAS, 1915, p. 12) da época constituía-se em acordar cedo; caminhar e respirar (corretamente) bons ares; praticar o nado e a equitação. A boa alimentação também era primordial, como exclama a **visitante** (CALDAS, 1915, p. 13):

“[...] A fome? Nem tu imaginas
Com que apetite regresso.
E ganho umas cores divinas!
Que não são de falso processo. [...]”

Vê-se que o uso da maquiagem era rejeitado pelas jovens e endossado pelo **irmão** da amiga, que também recrimina seu uso. A **visitante** simboliza todo o ideal republicano de uma mulher forte, saudável, capaz de gerar filhos igualmente saudáveis para defender a nação brasileira.

Na terceira e quarta cenas, dá-se enfoque à educação feminina voltada para as belas artes, como música, poesia e pintura. Observamos, neste trecho (CALDAS, 1915, p. 23) do monólogo da **pintora**, o valor da ampla formação feminina:

“[...] Sei pintar com inspiração,
Sei dançar com perfeição.
Sei estudar minha lição,
Sei contar até os dez. [...]”

Por fim, a última cena traz-nos o desfecho acerca do debate entre as personagens sobre a emancipação feminina. Entra o jovem **doutor**, representante da visão machista da sociedade ao afirmar “que pela vossa própria fraqueza, sois do Criador mais queridinhas, [...] quer passar-se ao sexo masculino, nossa rival então há de ser?” (CALDAS, 1915, p. 25 e 26). O jovem hesita com a possibilidade de as mulheres penetrarem áreas de trabalho tipicamente masculinas, como o Direito e a Medicina. Todavia, a moça **visitante** toma a palavra e defende os direitos da mulher. O término da peça se dá quando o jovem cede e decide apoiar as moças em seus “direitos no porvir” (CALDAS, 1915, p. 28).

Considerações finais

A obra literária da professora Eunice Caldas surgiu num contexto de extrema valorização da educação e de ampliação dos direitos femininos. A missão de educar segundo os moldes da época foi explorada de forma artística e inteligente na peça de teatro analisada.

Eunice usou o discurso da arte para advogar em favor da elevação cultural da mulher – muito embora não levantasse a bandeira sufragista –, integrando uma renomada classe de mulheres escritoras como Presciliana Duarte de Almeida, Francisca Júlia e Josefina Álvares de Azevedo.

Seus ideais traduziram-se também na fundação da Associação Feminina Santista e de sua escola, até hoje sob o nome de Liceu Santista. No entanto, o alcance de suas obras tanto para o público infantil como para o público adulto ainda é uma incógnita, assim como o paradeiro de várias publicações de Eunice. O último volume da trilogia sobre educação doméstica “Inezilha Braz” teve parecer favorável enviado ao Diretor Geral de Instrução Pública de São Paulo para ser adotado nas escolas e lido pelas “meninas das classes adiantadas” nas palavras do Inspetor Escolar Mariano de Oliveira. Se realmente foi folheado pelas alunas é uma questão que pretendo investigar *a posteriori*.

Referências bibliográficas

I. Fontes primárias:

ASSOCIAÇÃO FEMININA SANTISTA: atas de assembléia, ofícios e comunicados internos da Associação Feminina Santista (1902 a 1904) – arquivo do Colégio Liceu Santista.

CALDAS, Eunice. **As moças da moda**. São Paulo: Pocaí Weiss, 1915.

II. Fontes bibliográficas e periódicos:

BRAZIL, Lael Vital. **Vital Brazil Mineiro da Campanha**: uma genealogia brasileira. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1996.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX**. São Paulo: T. A. Queiroz, s.d.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Vidas de Romance**: as mulheres e o exercício de ler e escrever nos entresséculos (1890-1930). Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

GHIRALDELLI JR., Paulo. A evolução das idéias pedagógicas no Brasil republicano. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1987, n. 60, p. 28-37.

NAGLE, Jorge. A educação na primeira república. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Difel, 1985, v. 2, p. 258 – 291.

_____. A penetração do escolanovismo no Brasil. In: **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1976, p. 239 – 260.

SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel e MATOS, Maria Izilda de S. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed.rev. e ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890 – 1910). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

STEPHANOU, Maria. Discursos médicos e a educação sanitária na escola brasileira. In: _____ e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, v. 3, p. 142 – 164.

TAMBARA, Educação e positivismo no Brasil. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, v. 2, p. 166 – 178.